

## As Amazonas: História e Cultura Material no Brasil Oitocentista

Johnni Langer  
Doutor em História pela UFPR  
Professor da Universidade do Contestado - SC  
[johnnilanger@yahoo.com.br](mailto:johnnilanger@yahoo.com.br)

### Resumo

O artigo examina a repercussão do mito das amazonas durante o Império Brasileiro, seu vínculo com vestígios arqueológicos e sua utilização como reforço ao ideário de uma Nação com passado civilizado e glorioso. Demonstrando que no estudo da relação entre cultura material e História, muitas vezes fatores imaginários estiveram presentes e determinaram o referencial científico de toda uma geração de acadêmicos.

### Palavras-chave

Arqueologia, exploração e cultura material, mito e império.

Desde a descoberta do Brasil, o encontro de Francisco Orellana com mulheres guerreiras constitui um dos mais intrigantes e polêmicos episódios de nossa história. Alimentado por um grande repertório de imagens estereotipadas por parte do conquistador europeu, o mito das amazonas fascinou a ponto de serem incluídas em ilustrações majestosas da cartografia européia. Sobrevivendo ao iluminismo, ao contrário de outras fantasias coloniais, as mulheres guerreiras foram identificadas nos séculos XVIII e XIX como sendo uma tribo indígena, herdeiras de antigas civilizações desconhecidas de nosso país. Exploradores estrangeiros como La Condamine e o conde de Castelnau perpetuaram a existência dessa sociedade mítica no mundo moderno, demonstrando que o assunto estava distante de ser considerado apenas um episódio quimérico.

Não fugindo a este contexto, desde que foi fundado em 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) também preocupou-se com o tema das amazonas.<sup>1</sup> Uma comissão que examinou a obra de Humboldt, composta por José Rebello e Lino Rabello, tratou rapidamente da questão enfatizando sua veracidade. Para essa dupla de pareceristas, Orellana teria avistado mulheres de um grupo indígena no qual os homens encontravam-se momentaneamente ausentes.<sup>2</sup> Em uma sessão ao final de 1841, o sócio Joaquim Silva propôs que o tema fosse apresentado como um programa a ser desenvolvido pelo IHGB: quais as provas da sua antiga existência, “quaes seus costumes, usanças, crenças” e qual a relação com o mito originário da Ásia.<sup>3</sup> Um contexto dúbio. Para alguns uma realidade certa, enquanto que para outros existiria a margem da dúvida. A fascinação do mito por certo não eliminava os pontos de sua contradição, principalmente os aspectos andinos – o principal elemento imaginário no relato de Carvajal.

A problemática surgiu novamente um ano mais tarde, quando José Machado de Oliveira desenvolveu outra investigação no IHGB, *Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil?* Simpático aos ideais feministas num contexto extremamente tradicionalista, Oliveira curiosamente possuía formação militar e experiência geográfica. Para ele as amazonas eram a prova de um estado excepcional de sociedade, no qual o clima ameno criou condições favoráveis para o sexo frágil tornar-se independente.<sup>4</sup> Claro que também buscou subsídios históricos para confirmar sua hipótese. Partiu de dois princípios básicos. Primeiro, que o relato não poderia ser simplesmente uma fantasia proposital com a finalidade de conquista territorial pelo maravilhoso. Se fosse assim, afirmou, não inventariam os europeus mitos de homens desconhecidos, mais apropriados para a mente conquistadora? Outros antigos contestadores das amazonas como o abade Raynal, acreditavam no avistamento de índios sem barba pelos expedicionários espanhóis. Para Oliveira isto era inconcebível. Homens com muita experiência em explorações e contatos culturais não poderiam cometer tal equívoco. Mesmo porque Carvajal descreveu todos os indígenas da região como imberbes e sem qualquer vestimenta. Outro grande reforço para a defesa de suas idéias foram as citações favoráveis de Acuña, 1641, La Condamine, 1745, e Southey, 1822.

Percebemos nesta sociedade defendida por José Oliveira uma imagem bucólica e primitiva. Símbolo de liberdade do sexo feminino, a antiga realidade de uma sociedade sem varões em plena floresta tropical apenas reforçou os mistérios que envolviam nosso passado. Quais surpresas aguardariam os exploradores do Oitocentos?

### Uma estátua amazônica

Dentro da luxuriante vegetação do Amazonas, um viajante francês prossegue em seu percurso obstinado, procurando desvendar todos os mistérios que cercam esse espaço geográfico tão fascinante. O que seus olhos acabaram por descobrir no caos natural, superaram todas as suas expectativas. Uma prova da antiga existência da civilização das amazonas, as fantásticas mulheres guerreiras. O fascínio europeu pelas terras brasileiras havia criado mais um mito arqueológico,<sup>5</sup> mas desta vez seria contestado pelos próprios brasileiros.

Esse explorador chamado Francis de La Porte (Conde de Castelnau), iniciou sua expedição pelo interior de nosso país em 1843, cuja missão havia sido encarregada pelo governo francês. Faziam parte do grupo o médico H. Weddell, o engenheiro Eugene D'Osery e o naturalista E. Deville. Percorreram as províncias do Rio de Janeiro, Minas gerais, Goiás, Mato Grosso, internando-se depois pela Bolívia, Paraguai, Peru, descendo o Amazonas até o Pará, onde chegaram no início de 1847. Com a morte de Osery por indígenas, os resultados da missão foram perdidos, diminuindo a importância da expedição para a academia francesa.<sup>6</sup>

No final de sua exploração, na região de Barra do Rio Negro do Pará (Manaus), Castelnau teria encontrado uma estátua, que junto com outros objetos coletados, foram remetidos para uma

exposição no Museu Imperial do Louvre (Paris). Seria apenas mais uma amostra de viagens no Oitocentos se não fosse por um pequeno detalhe. A escultura foi estampada na Europa em 1847 como sendo originada da civilização das amazonas! Também o explorador confirmou a mesma declaração ao periódico *L'illustration*.<sup>7</sup> Neste mesmo ano o historiador Antonio Baena, sócio do IHGB e residente no Pará, desmentiu o ocorrido, em uma carta dirigida ao presidente desta província. Segundo Baena, a estátua seria uma pedra em forma de macaco, realizada no final do Setecentos por um pedreiro de nome Jacintho Almeida.<sup>8</sup> Ou seja, um objeto de origem histórica recente, que mereceu um caráter arqueológico.

Não temos maiores informações para estabelecer uma conclusão definitiva sobre o assunto. Em uma ilustração fornecida por Castelnau em 1850, observamos uma estatueta representando um ser humano com as mãos justapostas no peito e com a base parecendo mesclar-se a um símio. As pernas fecham-se entre um símbolo em relevo. Apesar de muito raros (atualmente não se conhecem mais de 20 exemplares), os ídolos ou estatuetas de pedra ocorreram na região amazônica, fabricados pela antiga cultura denominada Santarém. Os ídolos são geralmente feitos de arenito, esteatita e ardósia e representam figuras cujo “corpo de animal serve de encosto ao antropomorfo, cujas pernas estão levemente dobradas.”<sup>9</sup> A maioria das peças foram encontradas a partir de 1870, sendo totalmente desconhecidas pela academia até então. Falsificação ou peça genuína, a estátua recebeu conotações arqueológicas por parte de Castelnau que conduzem a uma imagem idealizada do passado material brasileiro.

## O Brasil enigmático

A região que compreende o rio Negro já era muito conhecida por brasileiros e estrangeiros em seus aspectos pré-históricos. A vila de Itacoatiara, próxima de Manaus, foi descrita em 1848 por sua imensa quantidade de pedras e lages pintadas, advindo disto o seu nome de origem indígena<sup>10</sup> Anteriormente, o marechal Cunha Matos mencionou figuras de rochedos do rio Negro, bem como de tribos indígenas que conservariam vestígios fenícios.<sup>11</sup> No mesmo período e local, o explorador francês Mr. Bauve teria encontrado pedras gravadas ou “estátuas esboçadas (...) que atestam a existência de uma antiga civilização.”<sup>12</sup> Os grafismos rupestres que ocorrem neste local são integrantes da denominada *tradição amazônica*, geralmente compostos por figuras humanas radiadas, gravadas próximas das cachoeiras<sup>13</sup> Mr. Bauve possivelmente observou petróglifos (gravuras pré-históricas) representando seres humanos, o que teria para ele um sentido escultural e civilizado, distante do panorama indígena contemporâneo. Não sabemos se Castelnau conheceu o trabalho destes seus antecessores, mas sua reação foi praticamente idêntica. Encontrou um artefato que segundo suas concepções, estaria desvinculado das sociedades primitivas da floresta. E qual a

melhor opção para explicar a origem destes objetos materiais? A antiga e mítica civilização das mulheres guerreiras.

Antes de mais nada, o mito das amazonas remete a um referencial de *exotismo*. Conceber formas de sociedade onde o homem não existe é próprio de locais onde a natureza predomina sobre a razão, onde as expressões animais suplantam as leis estabelecidas e os princípios de ética humana. Para os gregos, as mulheres sem seios (a-mazôn) eram bárbaras porque desconheciam as leis da pólis, enquanto que as valquírias germânicas seriam mulheres-homens inclinadas perigosamente ao belicoso.<sup>14</sup> No caso do mito brasileiro, essas imagens ainda incorporaram representações idealizadas das civilizações andinas. Gaspar de Carvajal em 1541, no texto mais célebre sobre o tema nas Américas, descreveu uma cidade de pedra habitada por mulheres guerreiras com imensos templos dedicados ao sol e repletos de ídolos feitos em ouro e prata. Onde situava-se esse paraíso terrestre, essa jóia perdida do exotismo humano? Na foz do rio Jamundá, próximo ao rio Negro.<sup>15</sup>

Por sua vez, o naturalista francês La Condamine durante sua expedição ao interior brasileiro, recolheu informações orais sobre a antiga existência dessas polêmicas personagens. Em seu livro *Relation d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale*, 1745, dedicou-se a comentar o mito no Novo Mundo. Segundo indígenas contemporâneos a La Condamine, uma república de mulheres teria existido nas terras do *Rio Negro*.<sup>16</sup> É muito importante verificarmos a ruptura existente entre o mito das amazonas no imaginário do século XVI e sua sobrevivência no Setecentos. Antes, essa formulação mítica encontrava-se mesclada a outros relatos, como as cidades imaginárias do Eldorado, Manoa, o lago Parimá e indígenas acéfalos como os Ewaipanomas.<sup>17</sup> No famoso mapa de Theodor de Bry, *Tabula Geographica* (1599), todos esses mitos aparecem conjuntamente ao longo do grande rio equatorial, este batizado pelo fatídico encontro de Orellana com as misteriosas personagens nesse mesmo século XVI. Durante a época de La Condamine, tanto o imenso lago quanto as cidades de ouro já não despertavam a credibilidade geográfica dos europeus. Confinados a uma dimensão irreal, assumem o caráter de fantasias de conquistadores avarentos e inescrupulosos. A obra do explorador francês foi também responsável pela perda da credibilidade nas lendas coloniais, oferecendo opções racionalistas e históricas para o desvendar da paisagem geográfica e no estudo das culturas da região.

Mas as mulheres guerreiras ainda fascinavam. La Condamine considerava muito pouco provável que essas belicosas personagens ainda existissem na época de sua expedição. Denominadas de *Comapuíras* pelos indígenas, diferenciou esses relatos orais do antigo mito grego, acreditando que os conquistadores haviam mesclado os dois relatos devido às suas inclinações para o maravilhoso.<sup>18</sup> Um dos momentos mais marcantes de sua narrativa, foi a descrição do relato de um soldado francês de Caiena. Esse militar teria avistado no pescoço de índias da região amazônica, pedras verdes, que foram atribuídas às terras das “mulheres sem maridos”. Em outro trecho, também

comentou a existência dessas fascinantes “pedras das amazonas,” jóias admiravelmente cortadas e talhadas com figuras de animais.<sup>19</sup> Desta maneira, o explorador não apresentou apenas evidências folclóricas orais, mas também *vestígios materiais* atestando a antiga existência das misteriosas guerreiras. Um procedimento muito importante para esse período sistematizador e racionalista do passado humano. Do mesmo modo, Humboldt confirmou a existência de pedras das amazonas em tribos indígenas do rio Negro, no oitavo volume da obra *Voyage aux Regions Equinociales*, 1804.<sup>20</sup>

Todos esses relatos devem ter despertado a atenção do conde de Castelnau. Como representante da academia francesa, o texto de La Condamine certamente lhe era familiar, além é claro do clássico Carvajal. Quando adentrou pelas florestas à margem do rio Negro, a lembrança de amazonas percorrendo pela região foi instantânea. Nada mais natural aos seus olhos que a ocorrência em uma natureza tão exótica de habitantes ilustres. Para o conde, a origem da estatueta era muito clara: “elle représente une Amazone, et sa position pourrait peut-être confirmer cette manière de voir.”<sup>21</sup> A tradição oral ainda existente sobre essa civilização seria ainda tão forte, que o explorador francês somente poderia defender a sua realidade. Os conquistadores coloniais não poderiam inventar uma fantasia sem sentido, e as tradições clássicas sobre o assunto somente concediam razão para o mito: “cette légion de femmes combattit vaillamment et périt les armes à la main. Il ne serait donc pas étrange qu’un fait qui s’est présenté à plusieurs reprises dans l’ancien monde se fût rencontré une fois dans le nouveau.”<sup>22</sup>

Floresta misteriosa e perigosa com residentes igualmente fascinantes, essa imagem primordial da Amazônia iniciada com os descobrimentos não parece modificada em pleno Oitocentos. Como um estranho animal das Américas exposto em um zoológico, a peça encontrada por Castelnau acabou em um museu francês. O exotismo aqui foi o mesmo. Originados de locais distantes, atestavam um encantamento que não assusta, mas atrai e instiga a imaginação.<sup>23</sup> A floresta amazônica foi a grande vitrine naturalista para o mundo ocidental: forneceu peças biológicas, antropológicas e arqueológicas para os cidadãos do Velho Mundo admirarem extasiados, frente ao seu admirável exotismo. Essa vulgarização da continuidade de imagens seculares, de que Castelnau foi um exemplo, permitiu a instrumentalização de objetivos maiores, como a colonização imperialista em regiões primitivas e incompletas, incapazes de se transformar “naquilo que os europeus pretendem que elas sejam.”<sup>24</sup> E uma simples estátua de pedra, que não sabemos se foi realmente pré-histórica ou uma fraude, desencadeou todo um processo imaginativo condizente com as formas de percepção européia acerca de nosso país.

## A comédia arqueológica

O caso da estátua do rio Negro iria tomar outros rumos para a intelectualidade brasileira. Enquanto Castelnau colocava a intrigante peça de pedra numa exposição em Paris, o historiador Antonio Baena enviou uma carta ao presidente do Pará, tratando de assuntos geográficos (1847). O

documento foi uma resposta sobre as condições de navegação pelo rio Araguaia, encomendada pela administração imperial. Em sete páginas, Baena criticou diversas declarações enviadas pelo explorador francês ao governo brasileiro (que foram publicadas na *Revista do IHGB*), entre as quais a polêmica da estátua. Alguns dos pontos contestados foram: de que o rio Araguaia seria extremamente perigoso, que os jesuítas estabeleceram missões no Araguaia e a nomeação da ilha de Santa Ana por Bananal. Essas afirmativas conduziram a opinião de Baena de que o sábio francês tinha “contra si os fastos do paiz.”<sup>25</sup> E ainda, o ato de ter batizado um rio desconhecido da Amazônia de D. Pedro II, demonstrava sua ignorância no conhecimento geográfico nacional (este ponto fluvial já era conhecido). Mas o grande tema de debate foi a respeito da estátua, tomada pelo conde francês como de “feitura gentilica.”<sup>26</sup> Para Baena, esse procedimento foi comparável a um trabalho de ficção, não merecendo o nosso país ser visitado por cientistas estrangeiros. Acompanhando as publicações da *Revista do IHGB*, causa perplexidade esse comportamento. Anteriormente a expedição de Castelnau sempre mereceu um grande incentivo por parte dos acadêmicos cariocas.

Januário Barbosa, por exemplo, declarou que essa comissão francesa contaria com todo o apoio do Instituto, do qual Castelnau era sócio. Ao todo foram publicados no periódico da agremiação mais de sete documentos, enviados pela comissão francesa do interior sul-americano (1843-47), comprovando o interesse que essa incursão estava suscitando. Mas qual seria a causa dessa enorme mudança de atitude? Devemos procurar em outro contexto as respostas para tanta polêmica. O periódico parisiense *Revue des Deux Mondes*, um dos mais famosos do Oitocentos, publicou um artigo de M. Chavagnes (1844), apresentando uma perspectiva da realidade social e física brasileira que não agradou a maioria dos intelectuais nacionalistas. Imediatamente originou respostas por parte da revista *Minerva Brasiliense*, assinados por Santiago Ribeiro e Manuel Porto Alegre. Apesar de existirem escritores que foram considerados verdadeiros “amigos” do Brasil, a exemplo de Von Martius e Ferdinand Denis, os estrangeiros começaram a ser vislumbrados com olhos metuculosos e críticos. Se as certezas e qualidades do tropical reino não fossem confirmadas nas publicações, seus autores eram colocados como inimigos ferrenhos da Nação.<sup>27</sup>

Três meses após a publicação do relatório de Antonio Baena, em agosto de 1848, Manuel Porto Alegre – recentemente empossado diretor da seção de arqueologia do IHGB – solicitou ao mesmo sócio, melhores informações sobre “a pretendida estatua antiquissima”<sup>28</sup> que o conde havia transportado do rio Negro para Paris. Não sabemos se ocorreu uma resposta, mas neste mesmo ano, Porto Alegre escreveu um pequeno opúsculo chamado *A estatua amazonica: uma comedia archeologica*, que constitui um documento ímpar acerca do imaginário arqueológico no século XIX.

Como comédia teatral, o livro foi inspirado na obra de Martins Pena, principalmente pela crítica irônica ao modismo francês, reinante na sociedade erudita desta época. Todo o local do enredo transcorre na Europa. O principal protagonista é o Conde Sarcophagin de Saint Crypte, seguido de sua esposa Condeça Melania e Saculenta, sua filha. Ainda completam a cena os personagens Dr.

Hypoget, Marques Baratre de Saint Pilon, Barão de Colombaire, Dr. Fóssil, Visconde Bibletin de L'aret, Dr. Gamim e Dr. Stok-Fisch. Percebemos o tom satírico já na escolha dos nomes, ironizando terminologias arqueológicas.

A primeira parte da trama se desenvolve no gabinete do Conde Sarcophagin. Porto Alegre descreve o local como portador de medalhões, baixo relevos de bronze e mármore, lápides, estelas e inscrições, vasos, estatuetas e muitos livros.<sup>29</sup> A imagem concebida pelo autor, na realidade, nos dá conta de seu próprio sistema de trabalho. Ou seja, um típico ambiente de antiquário, o colecionador de objetos clássicos e pesquisador das formas estéticas da antiguidade. Um conhecido quadro de Johann Zoffany (1733-1810), representando o gabinete do antiquário Charles Townley, oferece uma surpreendente similitude na imagem proposta pelo brasileiro. Um ambiente de coleções clássicas, onde a forma escultural é privilegiada, como troféus oferecidos ao erudito por seus esforços de interpretação. Sem dúvidas, Johann Winckelmann foi o maior representante nesta fusão da arte idealizada com o resgate material do passado, do qual Townley fez parte. Atuando no Museu Nacional e IHGB, Porto Alegre na realidade foi um antiquário dos anos 1840, cujo interesse maior foi promover padrões convencionais da tipologia material durante o Setecentos, deixando as escavações e trabalhos de campo para segundo plano.

Na comédia teatral, a primeira cena é um diálogo entre Sarcophagin e sua esposa, a respeito de um artefato provindo da Amazônia brasileira. Enquanto que para o conde o vestígio lítico produziria uma grande celeuma pela Europa, para a condessa Melania não passa de uma peça aparentemente sem nenhum valor. Esse entusiasmo de Sarcophagin por todo o texto, obviamente, é uma crítica ironizada do autor para com Castelnau, apresentando este como um visionário apto a conceber valores inexistentes a todo vestígio pré-histórico americano. Seguindo no diálogo, o conde cita três personalidades que poderiam manifestar grande interesse pela estátua: Humboldt, Barthold Niebuhr e Carl Rafn. Humboldt por seu pioneirismo nos assuntos de americanística, enquanto Rafn foi um grande baluarte da arqueologia difusionista nos anos 30, principalmente com a teoria dos Vikings na América. Já Niebuhr (historiador alemão, 1776-1831) ficou famoso pela criação de um método na história clássica. Em seguida, o obstinado conde discute suas teorias de um grande império existindo no Brasil, dominando os mares e as tribos incultas muito antes de Cabral. Neste momento, seu entusiasmo é interrompido pela chegada de uma carta enviada por um amigo astrônomo, de nome Vranoff de Lunawich. O cientista afirma que teria descoberto o enigma dos anéis de Saturno, que seriam satélites girando em torno do planeta, influenciando a vida de seus habitantes! Uma ironização de Porto Alegre também para as outras classes de cientistas do período, em que pesquisas acadêmicas mesclam-se a fantasias pessoais.

O próximo ato, denominado *No gabinete archeologico*, é o momento de discussão de Sarcophagin com seus sábios colegas. Para o visconde de Bibletin, a estátua seria uma representação de Baal (designação genérica para divindades semíticas), trazida por algum viajante

fenício vindo de Ophir. Por sua vez, o marquês de Barathre interpretou a peça como originária do antigo Egito, enquanto que o barão de Colombaire acreditava que seria uma górgona cartaginesa. Este último cita como confirmação de sua hipótese, uma suposta estátua existente dos Açores, que apontaria o braço para o Novo Mundo. Mas Sarcophagin nega todas essas interpretações. Seu pensamento é de que os aborígenes brasileiros seriam degenerados de uma antiga civilização americana, uma clara alusão aos pressupostos de Carl Von Martius, em artigo de 1845 para a *Revista do IHGB*. Intrigado, Colombaire questiona o destino dos monumentos desta raça perdida. O conde responsabiliza as densas florestas, capazes segundo ele, de encobrir gigantescas regiões. Nesse momento a discussão converge para outros pontos polêmicos da arqueologia brasileira. A pedra da Gávea e a ilha do Arvoredo (SC), são lembradas como portadoras de inscrições rúnicas, mas que para Sarcophagin, seriam caracteres amazônicos.

Na calorosa discussão apresenta-se um novo personagem, o dr. Fóssil. Para ele, a estátua não passaria de um objeto da civilização ante-diluviana. Aqui Porto Alegre inclui uma referência ao dinamarquês Peter Lund, com suas interpretações sobre o homem de Lagoa Santa (MG). Uma frase do dr. Fóssil merece destaque: “Se o Brasil faz escavações é um paiz civilizado.”<sup>30</sup> Uma crítica aos trabalhos de europeus ou um incentivo às pesquisas de campo? Porto Alegre parece ficar dividido entre apoiar esse procedimento em nosso território, ao mesmo tempo em que ironiza os seus resultados. Criando uma situação ainda mais polêmica, o marquês de Barathre descobriu algumas inscrições na estátua, *Amasoneph Braseiloph*, interpretadas pelo alemão dr. Stokfisch como sendo letras gregas. Assim, realiza-se um caos absoluto de teorias sobre o passado brasileiro. Ao leitor resta entender os sábios europeus como verdadeiros dementes, presos a concepções absurdas e pré-concebidas ou sem entender a realidade de nosso país.

O ato final é o recebimento de um exemplar da *Revista do IHGB* pelo conde de Sarcophagin, onde todos descobrem que a estátua não passava de uma falsificação. Aqui a figura do cientista transforma-se em uma grande e hilariante piada, numa vítima de suas próprias fantasias. Para completar a cena, a mulher de Sarcophagin o compara às obras de Carlo Goldoni e de Walter Scott (que criaram antiquários falsificadores na literatura). Esse é talvez o momento principal de toda a comédia, o ponto chave do pensamento do escritor. Há quase dez anos antes, Porto Alegre havia utilizado estes mesmos literatos em seu relatório sobre a inscrição da Gávea ao IHGB.<sup>31</sup> A exemplo de outros membros da instituição, ele foi um difusionista que acreditava na existência de antigas civilizações perdidas em nossa história, mas ao mesmo tempo, era temeroso de que pudesse envolver-se em um grande engano. Possuía os mesmos ideais e imagens sobre o nosso passado que Castelnau, com a diferença que este último foi acusado objetivamente de falsificador. O que em outra conjuntura teria um grande incentivo do próprio Instituto, agora era visto como uma grande piada. Até mesmo as ruínas da cidade perdida da Bahia, o grande paradigma arqueológico do império, a partir de 1849 foi concebida publicamente como um fato a ser esquecido. Uma grande

mudança de atitude científica. Porto Alegre assim como Ferreira Lagos, Freire Alemão, Ignácio Accioli entre outros, poderiam muito bem ser colocados ao lado dos personagens das comédias e romances mencionados. Mas os tempos agora eram outros, e a credibilidade em teorias difusionistas encontrava-se em um total descrédito ao final dos anos 1840.

Concebida através de uma polêmica descoberta, a comédia *A estátua amazônica* pretendia ser uma resposta ironizada às concepções estrangeiras sobre nossa realidade arqueológica. Mas acabou sendo um grande panorama hilariante de atitudes e crenças sedimentadas pela elite imperial ao longo da década, que agora ela mesma tratava de eliminar frente ao mundo e a Nação.

### O fim da polêmica

Apesar do caso da estátua ter sido encerrado com Porto Alegre, a questão das amazonas prosseguiu na imaginação dos intelectuais. O próprio imperador entregou um programa para os sócios do Instituto, esperando que alguma resposta surgisse.<sup>32</sup> O poeta e indianista Gonçalves Dias foi encarregado de examinar a questão, e em menos de dois meses desenvolveu uma erudita tese com 70 páginas dedicadas ao empolgante assunto, publicada na *Revista do IHGB* em 1855.

O escritor iniciou sua memória apontando a credibilidade do mito para autores contemporâneos como Canseco, Pedro Petit e o abade Guyon. Sua estratégia foi apontar elementos contraditórios nos relatos clássicos ou a falta de provas concretas no mundo ocidental. Na literatura grega citou as amazonas de Apolonio de Rodes, como um recurso utilizado por este autor para glorificar os atos heróicos dos argonautas. Outros autores antigos como Justino e Estrabão, surgem em longas citações descritivas das ginococracias asiáticas e africanas. Também encontrou escritores que concebiam a narrativa como fábula, a exemplo de Palephatus e sua *Histoire incroyables*. As amazonas seriam homens (barbados) que utilizavam vestidos compridos como as mulheres, motivo da confusão! Finalmente, quase ao término de seus estudos clássicos, Dias citou as famosas passagens de Heródoto. Sendo o primeiro a narrar o mito desta tribo, no livro IV de sua *História* (século V a.C), o escritor grego apontou a denominação de *andrantonoi* pelos Citas, além de detalhes cotidianos. Essas mulheres apenas uma vez por ano, convidavam os povos vizinhos para relações sexuais, perpetuando a sua tribo. Sem nenhum apoio histórico convincente por parte da bibliografia clássica, Dias reforçou a estrutura fantástica da narrativa, passando para o contexto americano.

Desta maneira o europeu moderno, herdeiro da longa tradição imaginária, adaptou o mito primordial para regiões distantes como a América. Motivo da segunda e mais importante análise de Gonçalves Dias. Neste trecho, o escritor já não desenvolve a questão da autenticidade do tema, que para ele não possuía qualquer veracidade. A problemática residia em tentar explicar porque os espanhóis criaram essas fábulas. Discordando de Cornelius De Pauw, para o qual apenas Orellana teria criado o mito americano, Dias apontou fontes européias mais antigas. Sua pista em torno das matrizes literárias estava bem correta. Desde a Idade Média, mapas do oceano Atlântico já

mencionavam ilhas habitadas por mulheres, que com os descobridores do Novo Mundo transformaram-se em redutos insulares de amazonas. Colombo descreveu guerreiras nas Antilhas com a mesma descrição oferecida por Heródoto e a tradição grega, um procedimento seguido nas Américas também por Hakluyts, Pedro Martir, Oviedo, Rivera e muitos outros. Gonçalves Dias percebeu essa semelhança estrutural entre os relatos quinhentistas e seiscentistas, deflagrados nas mais diferentes regiões da América do Sul.

A mais importante narrativa analisada em detalhes foi a de Carvajal, por um motivo bem simples: foi um dos únicos que descreveu um *encontro pessoal* com amazonas no Novo Mundo! O principal ponto que o autor encontrou para iniciar o estudo desta narrativa foi o fato das mulheres estarem lado a lado com homens, no momento do ataque à expedição de Orellana. Uma prática que não existe na maioria absoluta das fontes clássicas. Dias não negou a autenticidade real deste encontro, mas sim o testemunho que os espanhóis teriam ouvido de um indígena, capturado após o fatídico encontro. O fato de terem existido índias que combatiam juntamente com os guerreiros de determinadas tribos, não lhe pareceu espetacular, tanto que recorreu a fontes coloniais para sustentar essa declaração.

Os três autores mais importantes que divulgaram o mito americano (Carvajal, Raleigh e Oviedo), receberam uma explicação para a fabricação de seus relatos. Orellana (por meio de Carvajal) engrandeceria ainda mais sua expedição, através da ultrapassagem de riscos tão formidáveis quanto o enfrentar dessas belicosas personagens. Obtendo com isso a graça do monarca espanhol. Já em Oviedo, como seu documento foi um carta dirigida para o cardeal Bembo, seria um prova de seus conhecimentos clássicos e da pureza de sua latinidade. Para o desafortunado Walter Raleigh, restava apenas o despertar da curiosidade alheia e do estímulo para a busca de riquezas infinitas nos desconhecidos trópicos. Buscando também agradar a rainha Isabel da Inglaterra, seu clássico livro teve uma tripla função: “Para o vulgo o maravilhoso, para o governo o interesse e para a rainha a lizonja.”<sup>33</sup> Gonçalves Dias sabia que razões políticas não bastavam para explicar o sucesso duradouro do mito nas Américas.

Muitos exploradores afirmaram, uns até sob juramento, que receberam informações legítimas de indígenas moradores de regiões inóspitas, confirmando a república feminina. Hernando Rivera, Ulrich Schimidt e Cipriano Baraze foram alguns dos nomes citados para exemplificar esses casos de transmissão oral da mítica tradição para os europeus. Mas o grande destaque foram as exposições de La Condamine durante o Setecentos, que revitalizaram o debate sobre o mito para o mundo moderno. Descrições de habitantes da região amazônica asseveraram ao naturalista francês a realidade da antiga sociedade das mulheres sem homens. Tentando explicar esses depoimentos, Dias ficou encurralado num grande problema interpretativo: “mas quanto a mim não fica explicado, si foram os Europeus os que a receberam dos indios, ou si pelo contrario (...) foram elles os que lh'a transmittiram.”<sup>34</sup> Mais adiante, as evidências em torno de uma grande tradição nos povos autóctones,

indicavam ao escritor que Humboldt e La Condamine recuperaram dados autênticos, sem a interferência de mitos clássicos, ao contrário do que fizeram os conquistadores espanhóis. Nitidamente percebemos que Dias não conseguiu explicar a difusão do mito, que constitui um grande problema mesmo para os pesquisadores atuais. Abandonando essas discussões, o poeta partiu para outra estratégia. Procurou mostrar ao leitor as contradições sociais que poderiam existir numa sociedade formada só por mulheres, em plena selva tropical. Fisicamente questionou o ato de cortar os seios, uma operação impossível de ser herdada para as gerações seguintes. O amor materno impediria a entrega ou morte de filhos homens. Com dados estatísticos, procurou ainda comprovar que a taxa de nascimentos seria muito baixa, pela pouca quantidade de filhos homens, ocasionando a extinção de qualquer sociedade gineocrática. Sem contar detalhes como guerras, doenças e outros excessos que causariam a degradação do sexo frágil. A concepção familiar e religiosa do autor predominou nestas análises, elegendo os varões como condutores corretos de toda forma de sociedade.

Outro detalhe que acabou por confundir o autor, foram as famosas pedras das amazonas, os *muiraquitãs*. Sem conseguir fornecer maiores explicações, elaborou uma hipótese ousada, dentro dos critérios que vinha adotando. Quando os Tupinambá foram confinados para a região norte pelos europeus nos tempos coloniais, os Caraíba das Antilhas teriam exterminado implacavelmente todos os seus guerreiros. Sobrevivendo apenas as mulheres, estas teriam utilizado as pedras verdes para o comércio local, herdadas de antigos costumes. Explicando com isso também a existência das tradições orais entre os grupos ameríndios de todo o país. Sua derradeira conclusão, apesar de toda e qualquer hipótese que enunciou anteriormente, foi de que não houve verdadeiras amazonas nem no Velho Mundo e nem nas Américas.

Após a publicação desta memória pela *Revista do IHGB*, nenhum sócio realizou qualquer comentário ao escrito de Dias. Em sua *História geral do Brasil* (1854), Varnhagen reforçou o descrédito na narrativa de Orellana. Definitivamente, o mito das intrépidas mulheres em um distante passado brasileiro estava findado. Eliminava-se assim mais um tema que poderia, em parte, solucionar a falta de civilizações superiores ou alternativas em nossa história. Uma última menção ao tema ocorreu na *Revista da Exposição Antropológica* de 1882, com o título “A lenda das amazonas”. De debates arqueológicos, passando por categorias míticas, agora as amazonas transformaram-se em alegoria de um espaço geográfico selvagem, onde a natureza poderia quem sabe, um dia ter dispensado os homens: “Nesse sonho de totalidade, de unidade que a humanidade persegue obscuramente desde que existe, não há muitas soluções míticas que sejam perfeitamente satisfatórias.”<sup>35</sup> Pois afinal, depois da Ásia Menor, não foi a floresta tropical o refúgio ideal para essas mulheres, tão poderosas na imaginação?

## Notas e referências bibliográficas

<sup>1</sup> A historiografia contemporânea produziu alguns trabalhos sobre o tema das amazonas no Brasil. Sobre o assunto em seus aspectos básicos e genéricos ver: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *A visão do Paraíso*. São Paulo: Nacional, 1959; BECHTOLSHEIM, Delia von. Mitos da América: do ponto de vista europeu. *Humboldt*, n. 46, p. 41-49, 1983; NAVARRO, Tânia. Os mitos da descoberta do Brasil. *Humanidades*, Brasília, vol. 8, n.2, 1982. Para uma excelente discussão historiográfica e literária do mito das amazonas na América consultar: GANDIA, Enrique de. Las amazonas, vírgenes del Sol. In: *Historia crítica de los mitos de la conquista americana*. Buenos Aires: Juan Roldan, 1929. Para uma discussão de história da literatura ver: GONDIN, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994. Recentemente o antropólogo Luiz Mott produziu um interessante mas polêmico trabalho sobre a origem do mito das amazonas no Brasil: MOTT, Luiz. As amazonas: um mito e algumas hipóteses. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. O historiador Ronald Raminelli elucidou alguns aspectos historiográficos da temática em sistematização recente: RAMINELLI, Ronald. Amazonas. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

<sup>2</sup> REBELLO, José Silvestre & RABELLO, Lino Antonio. Juízo sobre a obra intitulada Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent. *Revista do IHGB*, tomo II, n. 5, primeiro trimestre, 1840, p. 108.

<sup>3</sup> 74 Sessão, 4 de novembro de 1841. *Revista do IHGB*, tomo III, n. 12, p. 497, dezembro de 1841, p. 497.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. Qual era a condição do sexo feminino entre os indígenas do Brasil? *Revista do IHGB*, tomo IV, n. 14, p. 186, julho 1842, p. 186.

<sup>5</sup> Sobre o tema da cultura material e a Arqueologia no Brasil oitocentista ver: LANGER, Johnni. A Esfinge atlante do Paraná: o imaginário de um mito arqueológico. In: *História, questões e debates* (UFPR), Curitiba, ano 13, n. 25, p. 148-163, 1996; LANGER, Johnni. *As cidades imaginárias do Brasil*. Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná, 1997; LANGER, Johnni. Mitos arqueológicos e poder. *Clio – Série Arqueológica* (UFPE), Recife, v. 1, n. 12, p. 109-125, 1997; LANGER, Johnni. Enigmas arqueológicos e civilizações perdidas no Brasil novecentista. *Anos 90* (UFRGS), Porto Alegre, n. 9, p. 165-185, 1998; LANGER, Johnni. *Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil império*. Tese de doutorado em História pela UFPR. Curitiba, 2001; LANGER, Johnni. Os enigmas de um continente: as origens da arqueologia americana (1750-1850). *Estudos Ibero-Americanos* (PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), vol. XXVII, n. 1, junho 2001; LANGER, Johnni. Peter Lund e as polêmicas arqueológicas do Brasil Império. *História e Perspectivas* (UFU, Universidade Federal de Uberlândia), n. 24, jan/jun. 2001; LANGER, Johnni. A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. *Revista Brasileira de História* (ANPUH), vol. 22, n. 43, 2002; LANGER, Johnni. Signos petrificados e civilização: a inscrição fenícia da Paraíba e outras questões arqueológicas no Brasil Império. *Pós-História* (UNESP), n. 10, 2002; LANGER, Johnni. Vestígios na Hiléia: a Arqueologia amazônica durante o segundo Império. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 18, n. 1, 2002; LANGER, Johnni & SANTOS, Sérgio. Império selvagem: a Arqueologia e as fronteiras simbólicas da Nação brasileira (1850-1860). *Dimensões: revista de História da UFES* (Universidade do Espírito Santo), n. 14, 2002; LANGER, Johnni. Ciência e imaginação: a pedra da Gávea e a Arqueologia no Brasil Império. *Habitus: Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia* (UCG, Universidade Católica de Goiás), v. 1, n. 1, 2003; LANGER, Johnni. Vikings no Brasil? *Nossa História* (Fundação Biblioteca Nacional), ano 1, n. 3, 2004.

<sup>6</sup> ENCICLOPEDIA Italiana de Scienze, Lettere ed Arti. Roma: Instituto dela Enciclopedia Italiana, 1949, p. 363.

<sup>7</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902, p. 28.

<sup>8</sup> BAENA, Antonio Ladislao Monteiro. Resposta ao Ilmo. e Exm. Sr. presidente do Pará Herculanio Ferreira Penna. *Revista do IHGB*, tomo X, p. 97, primeiro trimestre 1848, p. 97.

<sup>9</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992, p. 451.

<sup>10</sup> LISBOA, José Antonio. Notícias geográficas da capitania do rio Negro no grande Rio Amazonas. *Revista do IHGB*, tomo X, p. 423, quarto trimestre 1848, p. 423.

<sup>11</sup> MATTOS, Raymundo José da Cunha. Dissertação acerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do imperio do Brasil. *Revista do IHGB*, tomo XXVI, 1863, p. 130.

<sup>12</sup> PONTES, Rodrigo de Souza da Silva. Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possível de documentos relativos á Historia e Geographia do Brasil? *Revista do IHGB*, tomo III, n. 10, p. 149-157, julho de 1841b, p. 149.

<sup>13</sup> PROUS, op. cit., p. 529.

<sup>14</sup> BOYER, Régis. Mulheres viris. In: BRUNNEL, Pierre (org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 745.

<sup>15</sup> CARVAJAL, Gaspar de. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso rio grande de las Amazonas*, 1541. México: Fondo de Cultura Económico, 1955, p. 104-106.

<sup>16</sup> LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Relato abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional*, 1745. São Paulo: Ed. Cultura, 1945, p. 65.

<sup>17</sup> LANGER, Johnni. O mito do Eldorado. *Revista de História* (USP), São Paulo, n. 136, p. 25-40, 1997.

<sup>18</sup> LA CONDAMINE, op.cit. p. 69.

<sup>19</sup> Idem, op.cit. p. 84.

<sup>20</sup> DIAS, Gonçalves. Se existiram amazonas no Brasil? *Revista do IHGB*, terceira série, n.17, 1855, p. 29.

<sup>21</sup> CASTELNAU, Conde de. *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*. Volume V. Paris: Chez P. Bertrand Libraire Éditeur, 1850, p. 125.

<sup>22</sup> Idem, op.cit., p. 125.

<sup>23</sup> ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 75.

<sup>24</sup> PRAT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999, p. 262.

<sup>25</sup> BAENA, op.cit., p. 93.

---

<sup>26</sup> Idem, p. 97.

<sup>27</sup> ROUANET, op.cit., p. 126.

<sup>28</sup> 198ª Sessão, 31 de agosto de 1848. *Revista do IHGB*, tomo X, terceiro trimestre, p. 403-405, 1848.

<sup>29</sup> PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *A estatua amasonica: comedia archeologica dedicada ao illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos*, 1848. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1851, p. 7.

<sup>30</sup> Idem, p. 80.

<sup>31</sup> PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. Relatório sobre a inscrição da Gavia, mandada examinar pelo Instituto. *Revista do IHGB*, tomo 1, n. 2, segundo trimestre, 1839, p. 99.

<sup>32</sup> Sessão do IHGB, “Si existiram ou não Amazonas no Brazil?”, *Revista do IHGB*, 21/10/1853, p. 599.

<sup>33</sup> DIAS, op.cit., p. 44.

<sup>34</sup> Idem, p. 55.

<sup>35</sup> BOYER, op.cit., p. 746.